

AS ORDENS TERCEIRAS DE SÃO FRANCISCO NAS MINAS COLONIAIS: CULTURA ARTÍSTICA E PROCISSÃO DE CINZAS

ADALGISA ARANTES CAMPOS*

Levantei a presente documentação no projeto Pompa Barroca e Semana Santa na Cultura Colonial Mineira, contando com uma bolsa do CNPq e bolsista AP/CNPq Maria Teresa Gonçalves Pereira (UFOP).

O estudo contempla a atuação das ordens terceiras de São Francisco da Penitência nas Minas Gerais no domínio da produção artística, das manifestações rituais, notadamente a Procissão de Cinzas. As fontes privilegiadas são os livros internos dessas ordens de leigos e as imagens processionais.

As ordens terceiras de São Francisco da Penitência: seus templos**

As ordens terceiras de São Francisco surgiram nas Minas após 1740, muitas vezes dentro da igreja paroquial, estabelecendo-se em altar próprio ou em nicho emprestado, onde colocavam a imagem do patriarca. Constituíram uma vasta jurisdição denominada “presidência”, principalmente a congênera de Vila Rica, abrangendo vários arraiais visitados vez por outra pelo cobrador da ordem. Em grandes concentrações urbanas, chegaram a edificar templo próprio, através de obras que muito se delongavam, como Vila Rica (1766-1837), Mariana (1762-1822), São João del Rei (1774-1827), Diamantina (1766-1798).¹

Ponderando sobre essa demora na conclusão dos templos de Mariana e de Vila Rica, Raimundo Trindade considerou as despesas avultadas para se conseguir breves (documentos pontifícios contendo uma decisão ou declaração de caráter privado) e indulgências, os inúmeros processos na Justiça contra o Cabido marianense (em razão de conflito de jurisdição), o Vigário Capitular, a Arquiconfraria de São Francisco dos Pardos e até contra os construtores José Pereira Arouca e Domingos Moreira de Oliveira e seus herdeiros.²

Todos esses confrontos se deram porque, no setecentos, os terceiros compartilhavam de uma visão de mundo hierárquica, um sentimento de retaliação, de soberba, de profunda afeição à pompa barroca e aos sinais visíveis da fé, buscando sempre privilégios e favores espirituais. A ordem tinha um sentimento de corporação, aspirando à isenção da jurisdição ordinária, autonomia e regalias.³ Encontrava-se submetida à Província Franciscana da Imaculada Conceição, instalada no Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, não raro apelando diretamente ao papa. No setecentos, elas defenderam os valores de uma religião tridentina, evitando-se, na medida do possível, as contaminações culturais. A mais destacada, verdadeira cabeça na difusão da espiritualidade franciscana, era a de Vila Rica, considerada por Röwer como um oásis do franciscanismo nas Minas.⁴

Na ausência de ordens regulares, os terceiros constituíam uma alternativa entre a experiência religiosa secular e a monástica, efetivada através da preparação religiosa denominada noviciado, que culminava no rito solene da profissão. A ordem terceira seguia a regra franciscana, excetuando o voto de castidade e de clausura. Seus membros sempre disputariam os lugares principais em cerimônias, usando para isso o argumento de que não eram simples confraria. Para obter os lugares de destaque nas procissões, as irmandades geralmente alegavam o critério de antiguidade, que pouco serviria aos terceiros, que se agremiaram tardiamente.⁵ Ser terceiro significava jejuar, confessar-se e comungar com maior frequência (cerca de quatro vezes ao ano), em datas específicas do calendário religioso; fazer um ano de noviciado para o

* Doutora em História da Arte
Professora da Universidade Federal de Minas Gerais

**** Siglas:**

AEAM - Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana;
APNSC - Arquivo Paroquial de N. Sa. da Conceição de Ouro Preto;

REB - Revista Eclesiástica Brasileira.

1. Data da patente: Vila Rica (1746), Mariana (1748), Conceição do Mato Dentro (1757), Caeté (1783), Santa Bárbara (1805), Gaspar Soares (1818), Tejuco (1766), Vila do Príncipe (1782), São João del Rei (1740), São José del Rei (1820) cf. BOSCHI. *Os leigos e o poder*. p. 214-24.

2. TRINDADE. *Instituições de Igrejas* ...p. 187/8.

3. Cf. excelente estudo de AGUIAR. *Tensões e conflitos entre párocos e irmandades na Capitania das Minas*. In: *Textos de História – Revista de pós-graduação em História da UNB*. 5, 2(1997): 45 -104.

4. RÖWER. *A contribuição franciscana na formação religiosa da Capitania das Minas Gerais* In: REB, v.3, fasc. 4 (1943): 972-82.

5. Cf. litígios entre irmandades In: BOSCHI. *Op. cit.* p. 232-3.



Altar da Cúria ou dos Cardeais,
que compunha o andor respectivo
Capela da Ordem 3a. de São Francisco
São João del Rei/MG
Foto: Adalgisa Arantes Campos

aprendizado dos valores da Regra, quando então o irmão elaborava o seu primeiro testamento, que deveria ser renovado de cinco em cinco anos e arquivado pela ordem; interiorizar e defender a visão hierárquica, tão bem representada nos cargos da mesa administrativa e nas manifestações rituais. Nas procissões iniciava-se com o menos graduado até atingir o mais importante: irmãos noviços, irmãos professos mais modernos, professos mais antigos, irmãos sacerdotes e por último irmãos de Mesa. A hierarquia geral da ordem terceira era: Comissário geral (sede em Madri), Ministro provincial (Convento de Santo Antônio situado no Rio de Janeiro), Reverendo Comissário (jurisdição espiritual, era funcionário remunerado da ordem e irmão professo), irmão ministro (jurisdição temporal), vice-ministro, secretário, síndico, escrivão e tesoureiro, doze definidores, o irmão mestre de noviços e a irmã mestra de noviças, irmão zelador e irmãos presidentes de ruas. Tinha-se ainda o vigário do culto divino, funcionário contratado. Esse conjunto hierárquico era distribuído em duas alas.⁶

O projeto espiritual/ideológico da ordem terceira demorou algumas décadas para se aclimatar nos trópicos, pois prendia-se a normas de comportamento mais rígidas, à necessidade da mortificação da carne (jejuns e abstinência em determinadas datas sagradas) e à penitência. Portanto, dois séculos depois, propagava-se na Capitania o ideal tridentino. No plano social, esses devotos mais ou menos abastados não se destacaram pela caridade externa ao grupo, zelando sobretudo pelos interesses e carências dos próprios irmãos, parentes, amigos e benfeitores, os quais deveriam ser ajudados na necessidade, doença e morte.⁷

Quanto ao perfil econômico social desses irmãos, não pode ser reduzido a abastados comerciantes, funcionários da Coroa e intelectuais. Muitos construtores, artífices e artistas participaram de seus quadros, como, por exemplo, João Gomes Batista (+1788), Henrique Gomes de Brito (+1782), José Pereira Arouca (+1795), Manoel Francisco de Araújo (+1799) e Manoel da Costa Ataíde (1830).⁸ Personalidades dotadas de uma piedade eremítica, como Feliciano Mendes (+1765) de Congonhas e o irmão Lourenço (+1819) do Caraça, também foram franciscanos professos.⁹

Por ocasião do surgimento desses sodalícios, a mineração já se encontrava em franco declínio, estimulando-se mais a diversificação da economia; a sociedade se achava bastante estratificada e também miscigenada, demonstrando a existência de grandes fortunas individuais. Os terceiros foram responsáveis por um grande surto na arquitetura e ornamentação a partir do terceiro quartel, quando ascendia o gosto artístico rococó (1760-1840). Esse período de assentamento das populações revelou obras aclimatadas, que empregaram a mão de obra, os materiais e feições raciais locais.

Ritos penitenciais e cultura artística

Já consideramos em estudos sintéticos os rituais e a cultura artística diretamente relacionados à quaresma e Semana Santa na cultura colonial mineira. Agora contemplamos tão somente os específicos dos terceiros franciscanos. Estes faziam ordinariamente a cerimônia da profissão de seus membros, a procissão da Penitência na Quarta-feira de Cinzas; celebravam a Quinta-feira Santa ou de Endoenças (do latim *indulgentiae*) com sermão do Mandato, Lava-pés e Exposição do Santíssimo à veneração dos devotos; exercícios espirituais às segundas, quartas e sextas-feiras da quaresma; Sermão da Paixão e da Soledade na Sexta-feira da Paixão; a festa da padroeira (N. Sa. da Porciúncula) em 2 de agosto; Quinquêna das Chagas nos cinco dias anteriores ao 17 de setembro, a festa do Patriarca em 4 de outubro e aquelas referentes aos santos franciscanos.¹⁰ Era um calendário festivo essencialmente articulado com a Paixão e morte de Cristo, com aspectos da vida do padroeiro (Francisco) e dos santos leigos e, por isso, voltado para o reconhecimento dos pecados, ênfase no arrependimento, introspecção,

6. Cf. APNSC. *Estatutos da Ordem 3ª de São Francisco, anos 1760 e 1820. caps. 11, 13, 15, 17-22.*

7. Cf. APNSC. *Estatutos da Ordem Terceira de São Francisco -1754. f. 32.*

8. Cf. MARTINS. *Dicionário de artistas e artífices...* 2 vols.

9. Cf. TETTEROO. *Subsídios para a história da Ordem III de S. Francisco em Minas In: REB, v. 6, fasc. 2 (1947): 349-359; v.7, fasc.2, 3 (1947): 333- 356 e 561-573.*

10. Cf. APNSC. *Ordem 3ª de São Francisco de Assis - estatutos 1754, 1760, 1820. As sextas-feiras interessavam aos terceiros de Vila Rica que desde 1754, quando ainda celebravam em altar lateral da matriz da Conceição (paróquia do Antônio Dias), faziam os exercícios espirituais, prática religiosa acompanhada de sermão exortativo às virtudes cristãs.*

mortificação da carne e expiação pública.¹¹ Ritos e práticas de religiosas para aplacar a ira divina e purificar a alma, visando alcançar a sua salvação dentro da concepção rigorosa de Santo Inácio de Loyola e do poverello.

Na documentação consultada até então, não consta ter havido a procissão de Cinzas na primeira metade do setecentos mineiro, mas tão somente o ritual de imposição das cinzas, que era de alçada do vigário paroquial.¹² As cinzas configuradas em cruz na testa do devoto apontam para a brevidade da vida, para a necessidade de se fazer penitência e para a promessa de ressurreição àquele que compreende a natureza precária do mundo terreno. Contudo, já no século XVII, os terceiros faziam a mencionada procissão com exclusividade, em diversos lugares da Colônia, conforme estudos de Marieta Alves e frei Adalberto Ortmann. Em Salvador eles chegaram até a edificar em meados do oitocentos uma casa com 25 nichos para neles guardar os santos processionais.¹³ Em São Paulo também fizeram a casa dos andores para evitar os estragos nas imagens que saíam em procissão por mais de dois séculos.¹⁴

Do ponto de vista da cultura artística, a procissão de Cinzas sempre foi muito mais relevante que o ofício propriamente dito. Curt Lange levantou os gastos verificados com a música pela ordem 3ª de Vila Rica, entre 1751 a 1828, empregando muitas vezes a presença de quatro ou cinco coros.¹⁵ Contemplando a documentação desses terceiros, confirmamos despesas anuais expressivas também com sermão, feitiço de tochas, cera (vela), olear perucas, pregos, alfinetes, taxas, latão, tecidos variados, pincéis, armação de andores, vestimentas e alimentação (cartuchos de amêndoas) de anjos, consertos em geral etc.¹⁶

Na Bahia, o cortejo saía pela primeira vez em 1649, passando por reformas em 1767, com a exclusão de várias figuras à trágica que, no entender da mesa diretora, “mais se prestavam à função de triunfo do que de cinza”.¹⁷ Em 1862 extinguiu-se a procissão, pois era impossível manter vultuosos gastos com a armação de 13 andores, enquanto se fazia o asilo Santa Isabel e as catacumbas no cemitério público. Em São Paulo, foi feita de 1686 à extinção em 1886;¹⁸ em Recife entre 1710-1864, contando com 17 imagens ainda existentes no Museu franciscano de arte sacra daquela cidade. O fato é que a procissão fora considerada dispendiosa e até espalhafatosa, conforme a racionalização em curso no oitocentos, defensora de uma contrição mais interiorizada e de formas rituais mais pobres.

Nas Minas, a procissão de Cinzas alcançou maior longevidade, mantendo-se até meados do próprio século XX.¹⁹ A disposição dos andores no cortejo, com os respectivos santos franciscanos, só modificou-se no século XIX, quando os terceiros de Ouro Preto se abriram à participação de outras irmandades, portanto ao acréscimo de outros padroeiros, a saber, São Francisco de Paula, Santa Efigênia, São Sebastião, etc.

Na Procissão de Cinzas saíam originalmente os santos leigos (penitentes), a padroeira da ordem – N. Sa. da Conceição –, cenas alusivas à vida do poverello e algumas extraídas do Gênesis, relativas à criação do homem, à desobediência e à punição de Deus através da imposição da morte (Gn 3, 19). Eram essas as invocações básicas do cortejo, com o sentido de mostrar ao devoto a narrativa da criação e da queda, o martírio e a redenção de Jesus, de suscitar nele uma reflexão sobre a morte corporal, a vaidade e transitoriedade de tudo que é mundano (Ec 1, 2, 3). Considerava-se a mortificação em vida indispensável à salvação, como dissera Vieira: “Todos nascemos para morrer, e todos morremos para ressuscitar”.²⁰ *O memento mori* e a *vanitas*, temáticas tão freqüentes nas pregações, práticas rituais e na ornamentação dos templos dos terceiros, apresentavam laços indissolúveis com a cerimônia de entrada na quaresma.

Na Procissão de Cinzas de Vila Rica e, com inexpressivas modificações nas outras congêneres, estavam presentes em 1751: a cruz da penitência com dois ciriais, a morte

11. Cf. *sacramento da penitência Concílio tridentino sessão XXIV, caps. 1 a 9*.

12. *Devo muitas destas informações ao amigo José Bento Ferraz*.

13. Cf. ALVES. *História da Venerável Ordem 3ª da Penitência* ... p. 103.

14. Cf. ORTMANN. *História da Antiga Capela da Ordem Terceira da Penitência*... p. 131.

15. Cf. LANGE. *História da música nas irmandades de Vila Rica*... ps. 202, 207-256.

16. Cf. APNSC. *Avulsos-Receita e Despesas 1744-1816*.

17. Cf. ALVES. *Op. cit.* p. 194.

18. Cf. ORTMANN. *Op.cit.*

19. Cf. APNSC. *Ordem 3ª de São Francisco - Avulsos XX. 31/01/1951*; MENEZES. *Igrejas e Irmandades de Ouro Preto In: Publicações do IEPHA/MG, 1 (1975): 121*.

20. *Semana de Quarta Feiya de Cinza, Em Roma: na Igreja de S Antonio dos Portugueses...* In: *Sermões do Padre António Vieira*. v. 1. p. 1041-1118. cit. p. 128.



*Imagem de São Francisco da Penitência
que saía em andor na Procissão das Cinzas
Capela de São Francisco de Assis
Ouro Preto/MG
Foto: Adalgisa Arantes Campos*

21. Em São Paulo a morte era representada por um negro que recebia uma pataca (cf. Ortmann. op. cit. pp. 114-5). A Ordem 3ª de Vila Rica possuía duas cobras, uma para o andor de Nossa Srª da Conceição, outra para a árvore da Ciência (cf. APNSC. Livro 1º de Inventário dos bens e fábrica 1751-1802).

22. Cf. APNSC. Ordem 3ª de São Francisco de Assis. Inventário de Alfaias - 1751-1802. As imagens de S. Roque, S. Ivo, S. Francisco das Chagas, o Pontífice e os dois cardeais (andor da Cúria), S. Luiz, os 12 serafins, foram novamente encarnadas em 1807 por Manoel da Costa Ataíde, cf. TRINDADE. São Francisco de Assis de Ouro Preto. p. 407.

23. Cf. APNSC. Inventário de Alfaias... f. 2, 4 a 6.

24. Cf. CINTRA. Efemérides de São João del Rei. v. I, p. 70-71. O livrinho certamente representava o manual denominado Palestra da Penitência.

25. A procissão em Mariana foi realizada pela primeira vez em 1759, cf. imagens arroladas por TRINDADE. Instituições de Igrejas ... p. 176-8.

26. Cf. TRINDADE. São Francisco ... p. 113-4

27. Cf. MORAIS. História da Conceição do Mato Dentro. p. 56-8.

(representada por pessoa com vestido dotado de pintura com esqueleto), a árvore da ciência (com uma cobra enrolada), Adão e Eva, um querubim com espada, a árvore da penitência (com espinhos e sem folhas), o rei penitente (Davi) e as duas salvas, os inocentes (que morreram em Marrocos), o turco (o herege), o anjo defensor (do Paraíso) com sua lança, a cruz da Ordem, o andor da Ordem (São Francisco recebendo as Chagas do Cristo Crucificado); os andores da Conceição, de São Francisco, da Cúria (São Francisco recebendo a Regra escrita de Honório III, ladeado por dois cardeais), de São Luiz (Rei de França), de Santa Isabel (Rainha de Portugal), do Amor Divino (São Francisco abraçando Cristo na cruz), de São Roque, de São Ivo, dos Bem Casados (São Lúcio e Santa Bona) etc.²¹

E, dentro desse escalonamento simbólico, aparecia o andor com Cristo Crucificado, finalizando o cortejo. Cada andor possuía quatro sanefas e até complicados arranjos de tecidos sustentados internamente por varas de madeira formando montes (por ex. o Alverne), nuvens, elementos caracterizadores da cena histórica ou da aparição sagrada.

A relação mencionada pode ser complementada com os andores de Santa Rosa de Viterbo e Santa Isabel (rainha de Hungria), acrescentados ainda na segunda metade do setecentos, conforme se nota no livro de Inventário de Alfaias 1751-1802.²² Constava também a presença de anjos, inicialmente 11 depois 21, cada um portando um cutelo de folha de flandres na cabeça e uma placa de papelão explicativa: “Bandeiras com seus Letreiros que levão os Anjos”.²³ No sobredito Inventário, há lançamento de 12 hábitos com as cintas de cordas para os santos mártires (ou inocentes), os quais portariam uma corrente de ferro com 12 colares.

A congêneres de São João del-Rei apresentava na composição do cortejo elementos mais escatológicos, alguns essencialmente macabros, tais como a ampulheta, duas figuras sustentando bandejas com cinzas, caveira e ossos e a representação do “desprezo das vaidades”, segundo descrição de 1781.²⁴ Uma outra figura levava uma árvore de espinhos, sem folhas, com dois cilícios, disciplinas ou correias para açoites e livrinho.²⁵

Durante o século XVIII mineiro, o número básico de andores se manteve em torno de nove a onze. A referida estruturação recebeu acréscimos já em fins do setecentos, quando os leigos franciscanos se abriram a outras irmandades, convidando até os terceiros carmelitas para participarem com o respectivo andor.²⁶ A integração, na mesma Vila, dos pardos de S. Francisco de Paula e de outras irmandades de cor mostrava, décadas depois, um abrandamento dos padrões culturais de feição aristocrática e a possibilidade de trocas culturais mais frequentes.

Já em fins do setecentos, a tendência assumida pela procissão de Cinzas foi no sentido de inflacionar o número de imagens, andores e figuras vestidas à trágica, o que resultava em uma composição caótica, comprometedora inclusive da intenção original de desbasta a vaidade, de mostrar que somos pó e ao pó retornaremos. Já no presente século, Geraldo Dutra de Moraes, assistindo a uma dessas monumentais procissões em Conceição do Mato Dentro, descreveu-a comportando: o Anjo Açucena, Adão e Eva, Caim e Abel, Isac, Noé, Cam, Judite, o Rei Tirano, Sansão, Jafé, Davi, os “Desprezos do Mundo em número de 5”, quatro profetas, Moisés, José, dez fradinhos, dez “Anjos do Açoites”, Golias e mais inúmeros santos perfazendo um total de 46 figuras e 47 andores.²⁷ O montante de santos ultrapassava em muito o hagiológico franciscano, mostrando aquela inclinação declarada para difundir um ritual antes restrito a um grupo social privilegiado.

No 1º terço do oitocentos, as ordens terceiras tornaram-se mais flexíveis, abrindo-se para trocas culturais entre grupos socialmente diversos. Passaram a aceitar a presença de mulatos em seus quadros e na própria Procissão de Cinzas. Na verdade, desde o século passado os pobres das Minas revelavam afeição a São Francisco, sob grande intolerância dos

leigos franciscanos. A existência das irmandades de pardos do Cordão de São Francisco em Vila Rica, Mariana, Sabará indica a presença de níveis distintos, no âmbito da devoção de um mesmo santo. Foi exatamente essa popularização do culto que mereceu a ressalva de Debret, que a considerou uma procissão de “prestígio” entre o povo, mas ao mesmo tempo “ridícula”.²⁸ O olhar ilustrado do artista destacou a variedade e popularidade da composição do cortejo, o peso dos andores, a fadiga, o caráter penoso para os participantes e ainda o espalhafatoso da pompa inerente ao barroco, já em estado residual. Essa percepção de ridículo confirma a interpretação mais pragmática de Debret.

A tendência a vulgarizar o rito, desencadeada em diversas partes da Colônia em fins do setecentos e ou inícios do século XIX, e como decorrência imediata o crescimento desmedido do cortejo, foi observada por Marieta Alves em Salvador, e por Debret no Rio de Janeiro. Constituíam uma maneira de incorporar fiéis de condição humilde, que não faziam parte do quadro das ordens terceiras, mas eram devotos de Francisco, por isso a procissão teve prestígio entre os setores populares.

A difusão da espiritualidade franciscana nas Minas foi feita pelos eremitas, frades esmoleres da Terra Santa e do convento de Santo Antônio (Rio de Janeiro), visitantes diocesanos (Dom frei de Guadalupe) e, de uma maneira mais sistemática, pelas ordens terceiras. Tem-se então a transplantação de crenças, invocações e práticas voltadas à expiação, dotadas de um programa iconográfico específico, bastante influenciado pelas ordens regulares, bem diferente da temática dos demais sodalícios do período. Na arte dos terceiros são abundantes os crucifixos, a representação da palma do martírio, cravos, disciplina, cilícios, chicotes, ampuhetas, crânios, rosário, atributos para ajudar na penitência e na santificação.

Já em meados do setecentos, a roca dominava as imagens dos terceiros, ricas em detalhes e materiais, envolvendo roupas, peles de carneiro, perucas, sapatos, cabacinha, cachorrinho, caveiras, dentre outros atributos. Na Procissão de Cinza, pessoas representavam Adão e Eva, revestidas de peles ou folhas; a morte trazia uma vestimenta com uma estampa de esqueleto e portava uma foice e os anjos sustentavam cartelas com frases explicativas daquela passagem. Tudo isso dava uma feição muito natural e materializada à experiência religiosa. Até serpentes existiam, uma para a Senhora da Conceição, outra para a árvore da Ciência.²⁹ A devoção se manteve afeita a representações bastante realistas.

Os rituais dos terceiros se condensavam preferencialmente no tempo forte da quaresma, através dos exercícios espirituais às segundas e quartas e de uma via sacra às sextas-feiras. No Domingo de Ramos os confrades do Seráfico, em ato interno, recorriam ao salmo *Miserere mei, Deus...* (Tem piedade de mim...) e à disciplina feita pelo reverendo padre comissário, que era um ato típico de contrição (Sl 50, hebr. 51). Tomar disciplina significava observar os preceitos da Regra. Nos santos exercícios, os irmãos meditavam sempre sobre um passo da Paixão de Cristo ou um dos quatro novíssimos do homem (a Morte, o Juízo, o Inferno e o Paraíso), acompanhado de salmo afim.³⁰

A maioria das cerimônias apresentava o mesmo conteúdo espiritual, isto é, a lembrança da morte (*memento mori*), da vaidade humana (a *vanitas*), e do sacrifício à maneira do Cristo.³¹ A procissão de Cinzas foi enformada por esses três elementos, com uma tendência crônica a decair no segundo, isto é, no culto das aparências, fato barroco por excelência.

No setecentos mineiro, a efervescência do tríduo começava de fato na Quinta-feira Santa. O conteúdo que sustentava as cerimônias desse dia girava em torno da Última Ceia, na qual Cristo instituiu o sacramento da eucaristia e o Mandato do amor fraterno, através do Lava-pés (Mt 26, 26-31; Mc 14, 22-26; Lc 22, 14-20). Esse dia era sublinhado pelos terceiros, ilustrado inclusive na ornamentação da capela-mor do templo ouropretano, onde painéis

28. DEBRET. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. v. II. p. 36.

29. Cf. APNSC. *Ordem Terceira de São Francisco de Assis - Avulsos, receita e despesa - 1744-1816*.

30. Cf. APNSC. *Ordem Terceira de São Francisco de Assis - estatutos, 1760, cap. IV § 1 e 2*.

31. Cf. o sentido penitencial da iconografia da ordem 3ª franciscana cf. HILL. *Fragmentos de mística e vanidade na arte de um templo de Minas: a Capela da Ordem Terceira de São Francisco de Ouro Preto*. In: *Revista do IAC/UFOP*, 2 (1994): 38-48.



Andor do Amor Divino
 São Francisco ajudando o Cristo no Descenimento
 Sacristia da Capela de São Francisco de Assis
 Ouro Preto/MG
 Foto: Adalgisa Arantes Campos

parietais da autoria de Ataíde apresentam como iconografia a Ceia e o Lava-pés. No exemplo desses leigos foi clara a conexão estabelecida entre a representação artística e a preferência ritual da ordem, a qual celebrava o Mandato do Lava-pés, isto é, a recomendação de Jesus ao princípio do amor: “Chama-se Mandato esta cerimonia do lavapés, por ocasião da prescrição que fez o Mestre aos Discípulos de entre si fazerem como lhes fizera Elle...”³² A lição de amor e humildade inerente ao Lava-pés também suscitou cerimônia da confraria do Cordão de São Francisco, de Mariana. Os irmãos pardos geralmente davam um jeito de seguir, apesar da arraigada oposição, a ritualística própria dos terceiros franciscanos.³³

A cerimônia do Lava-pés emprega a presença de 12 crianças, representando os apóstolos, e uma autoridade eclesiástica no papel de Jesus. Durante o lavatório, o recurso auditivo está presente através de uma pregação exortativa do amor – o sermão do Mandato –, que muitas encomendas suscitou no âmbito da Colônia e das Minas. À religiosidade barroca era indispensável a recorrência às artes plásticas, armações de cenário e teatro litúrgico, visando dar uma figuração precisa às passagens bíblicas e ao relato da vida dos santos penitentes. O devoto das Minas dava continuidade à mentalidade de matriz medieval, já saturada segundo Huizinga “dos conceitos de Cristo e da Cruz”. O imaginário barroco levou ao máximo essa tendência a representar com muito naturalismo o sofrimento.³⁴ No redimensionamento das práticas religiosas promovido pelo Concílio de Trento, os padres tiveram que considerar a forte tradição popular de se cultuar o drama da Paixão e, nesse sentido, ao invés de se restringir o já abundante número de imagens alusivas ao sofrimento de Jesus, a tendência geral no decorrer do setecentos mineiro foi de desdobrá-las. Tais obras dotadas da capacidade de predispor sentimentos atingiram grande difusão no Brasil Colonial, apoiada na tradição devocional dos colonizadores e na própria legislação tridentina.

FONTES MANUSCRITAS E IMPRESSAS

AEAM. Missas, Ofícios na Cathedral e nas igrejas de São Francisco, Sant’Ana, São Gonçalo e Seminário, Mariana 1751-1792.

APNSC. Estatutos da Ordem 3ª de São Francisco de Assis, anos 1754, 1760 e 1820.

APNSC. Ordem 3ª de São de Assis - Avulsos XX .

APNSC. Livro 1º de Inventário dos bens e fábrica da Ordem 3ª de S. Francisco de Vila Rica 1751-1802.

APNSC. Ordem 3ª de São de Assis - Avulsos e receita e despesa 1744-1816.

APNSC. Ordem 3ª de São Francisco de Assis - Inventario de Alfaias - 1751-1802.

DEBRET, Jean-Baptista. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. São Paulo: EDUSP, Belo Horizonte: Itatiaia, 1978. v. II.

Sermões do Padre António Vieira. São Paulo: Anchieta, 1944. v.1.

32. GOFFINE. *Manual do Christão*. p. 435.

33. cf. AEAM. Missas, Ofícios na Cathedral e nas igrejas de São Francisco, Sant’Ana, São Gonçalo e Seminário, Mariana 1751-1792, f. 91v e 92v.

34. Cf. gosto pelas cenas de sofrimento In: WEISBACH, Werner. *El Barroco, Arte de la Contrarreforma*. Cf. citação In: HUIZINGA, J. *O declínio da Idade Média*. p. 197.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Marcos M. Tensões e conflitos entre párocos e irmandades na Capitania das Minas. In: Textos de História – Revista de pós-graduação em História da UNB. 5, 2(1997): 45-104.
- ALVES, Marieta. *História da Venerável Ordem 3ª da Penitência do Seráfico Pe. São Francisco da Congregação da Bahia*. Salvador: Publicação da Mesa Administrativa. 1948.
- BOSCHI, Caio C. *Os leigos e o poder*. São Paulo: Ática, 1986.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. A visão nobiliárquica nas solenidades do setecentos mineiro. *Anais do X Encontro Regional de História - ANPUH/MG*. Mariana: UFOP, 1996, pp. 111-122.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. Quaresma e tríduo sacro nas Minas setecentistas: cultura material e liturgia. *Barroco*, 17 (1993/6) 209-219.
- CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Efemérides de São João del Rei*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial.
- DENZINGER, Enrique. *El magisterio de la iglesia*. Barcelona: Herder, 1963.
- FRANCASTEL, Pierre. A Contra Reforma e as artes na Itália no fim do século XVI In: *A realidade figurativa*. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 371-421.
- GOFFINE. *Manual do Christão*. Rio de Janeiro: Colégio da Imaculada Conceição, 1906.
- HILL, Marcos S. Fragmentos de mística e vanidade na arte de um templo de Minas: a Capela da Ordem Terceira de São Francisco de Ouro Preto. *Revista do IAC/UFOP*, 2 (1994): 38-48.
- HUIZINGA, J. *O declínio da Idade Média*. Lisboa: Ulisséia. s.d.
- LANGE, Francisco Curt. *História da música nas irmandades de Vila Rica - freguesia de Nossa Sra. da Conceição de Antônio Dias*. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura. p. 202, 207-256.



*Cruz Processional da Ordem 3ª com representações do padroeiro e no verso das Chagas
Capela de São Francisco de Assis
Ouro Preto/MG
Foto: IFAC/UFOP*

- MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Publicações do IPHAN, 1974. 2 vols.
- MENEZES, J. Furtado. Igrejas e Irmandades de Ouro Preto (notas de Ivo P. de Menezes). In: *Publicações do IEPHA/MG*, 1 (1975): 121.
- MONTEIRO, Alexandrino SJ. *Exercícios de Santo Inácio de Loyola*. Petrópolis: Vozes, 1950.
- MORAIS, Geraldo D. História da Conceição do Mato Dentro. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura. 1942.
- ORTMANN, frei Adalberto. *História da antiga Capela da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco em São Paulo 1676-1783*. Rio de Janeiro: Publicações do DPHAN, 1951. p. 131
- RÖWER, frei Basílio. A contribuição franciscana na formação religiosa da Capitania das Minas Gerais. *REB*, v.3, fasc.4 (1943): 972-82.
- TETTEROO, frei Samuel. Subsídios para a história da Ordem III de S. Francisco em Minas. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 6, fasc. 2 (1947): 349-359; v.7, fasc.2, 3 (1947): 333-356 e 561-573.
- TRINDADE, Raimundo. *São Francisco de Assis de Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Publicações do DPHAN, 1951.
- TRINDADE, Raimundo. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*. Rio de Janeiro: Ministério de Saúde, 1945.
- WEISBACH, Werner. *El Barroco, arte de la Contrarreforma*. Madrid: Espasa Calpe. 1948.